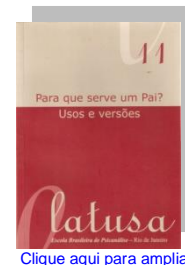


RETRATO FALADO DE UM TOTEM SEM TABU* (ou a hipermodernidade sertaneja)



Referência:

VIEIRA, M. A. . Retrato falado de um Totem sem Tabu (ou a hipermodernidade sertaneja). *Latusa* (Rio de Janeiro), v. 11, p. 12-14, 2006.

Marcus André Vieira**

1. Do Édipo à estrutura

Lacan liberta o pai freudiano da situação concreta, familiar, em que aparentemente estava localizado. Invertem-se os dados: em vez de “O pai é a origem”, teremos “O que for, para um sujeito, a origem será o pai”. Isso tanto responde aos que perguntariam “mas e quando não houver pai?” como deixa claro o quanto função e pessoa devem ser distinguidas em uma análise.

No tratamento analítico nos deslocamos em uma matriz, que Lacan denomina estrutura. Lugares e relações definirão as essências e não o inverso. O ganho permitido por essa referência estrutural permite que se aja onde falham as coordenadas realistas, quando, por exemplo, assistimos uma anorética, vendo-se no lugar da obesa, insistir em perder peso até a morte. O estruturalismo permite, assim, que se radicalize a aposta freudiana de uma revolução que refaz o real sem lhe dar um sentido último e profundo, sem fazer dele uma verdade oculta. Lacan formaliza, assim, o mito edípico como uma estrutura que define lugares e relações que, quando ocupados pela criança, constituem sua identidade sexual.

Uma estrutura análoga, ainda que pelo avesso, à matriz individual delineada pelo triângulo edípico, será transposta por Freud para o plano social em *Totem e tabu*. O texto põe em cena uma tribo primordial na qual um macho dominante submetia todos os seus filhos e usufruía com exclusividade das fêmeas. Em vez de um dos filhos vencer o pai em um confronto individual e assumir seu lugar seguindo a lei da natureza, os irmãos decidem se associar para matá-lo. Surge um contrato inaugural, assinalando o nascimento da primeira comunidade humana. Aqui, em vez da relação mãe-bebê, é a comunidade dos irmãos, o corpo social que figura a caverna. De maneira análoga, o assassinato do pai escava no centro da coletividade recém-surgida dos irmãos um vazio essencial, pois ninguém mais poderá ser pai. Pai morto, ponto de fuga posto. Sua presença garante a estabilidade do mundo e sustenta a crença em um outro plano de existência. O Pai das Idéias, segundo Freud, está no imaterial infinito. O primeiro grande segredo freudiano se enuncia assim: o túmulo de Abraão está vazio.

Retomando-se este texto a partir de Lacan em suas coordenadas estruturais destaca-se também o impasse lógico do mito freudiano. Todos os filhos buscarão o lugar paterno e seu gozo aparentemente superior, mas nunca o encontrarão. Morto o pai, ninguém mais pode ser Pai, pois se a premissa de base rezava que “para se tornar Pai é preciso derrotá-lo em um combate singular” e se o pai está morto, como tornar-se pai? Evidentemente, um dos filhos pode desfazer a aliança com os outros, por ser mais forte ou mais vil, tornando-se eventualmente um tirano, mas sempre estará em outra posição que não a do Pai primevo. Num outro extremo, um filho pode ainda tornar-se líder espiritual, amado por todos, mas igualmente sempre carregará consigo a sensação de impostura e de culpa fundamental que é inextinguível.

A antropologia da época, ainda vacilante, era incapaz de refutar as afirmações de *Totem e tabu*, mas o tempo se encarregou de mostrar que todos ou quase todos os seus pressupostos foram colocados em xeque pelas descobertas da ciência. Ganharemos muito se considerarmos a partir da leitura de Lacan, que Freud não estava buscando revolucionar a antropologia e sim que, diante de uma novidade clínica que se apresentava em sua experiência cotidiana, buscava delimitar e transmitir uma estrutura. Uma vez o pai morto é impossível o pleno acesso ao outro sexo, a mãe será proibida para sempre. Um filho apenas se tornará homem a partir de uma identificação com o pai defunto, o que, de certa forma, o mortifica, pois ele nunca será como o pai teria sido. Como consequência dessa mortificação, a fruição de uma mulher sempre estará para ele envolvida por uma tonalidade transgressiva, atribuída ao ato sexual (associado à posse da mãe). O sexo e o amor, nunca plenos, sempre serão marcados por uma perda e culpa fundamentais. Não se trata de afirmar que, devido a um acidente histórico da evolução da espécie, todo homem é culpado, mas sim que essa é a maneira encontrada por Freud para transmitir a articulação lógica da impossibilidade de um gozo sem culpa, da condição humana de um sentimento de culpa estrutural.

2. *Tabu totem*

Porém, até que ponto a estrutura do Édipo seria universal? Esse foi um argumento endereçado a Freud desde os primórdios da psicanálise. Perdeu com Lacan grande parte do seu fôlego, já que a partir da referência estrutural é possível prescindir das cores e formas locais. Hoje, porém, ganha força por outras razões: em nosso mundo globalizado a culpa está claramente em desuso, assim como a força de um pai como figura transcendente.

Com pouca segurança ou originalidade o analista poderia intervir nesse debate. Contudo, podemos registrar, já no interior da teoria psicanalítica algo equivalente à falência da autoridade tão propagada em nossos dias, exatamente quando Freud

institui o pai como necessariamente morto. O golpe sofrido pelo pai é incrementado de modo radical por Lacan, ao esvaziá-lo de suas roupagens e reduzi-lo a um ponto cego. O Nome-do-Pai permite que a psicanálise se adapte aos mais variados contextos, tempo e culturas ganhando uma universalidade insuspeitada por Freud. Ao mesmo tempo é exatamente esse movimento que desvela com nitidez outro grande segredo de Freud.

Todo pai governa em nome de um fantasma do verdadeiro pai original. É um representante de um poder irrepresentável. Legisla por procuração. Exatamente por isso sustenta a idéia de que, em algum outro lugar, reside a origem da verdadeira autoridade, um Ideal, sempre além e maior do que é possível imaginar. Cada pai, porém, é também alguém que vive, ama e trabalha. Ao fazer reluzir o Ideal, ofusca tudo aquilo que alguém de carne e osso apresenta em discordância com ele. Tudo o que em um pai não corresponde ao Pai, tudo o que for resto real do Ideal, fica esquecido. É esse resto, e não o ideal, que será o protagonista de uma análise.

Para entendê-lo experimente-se um jogo conhecido como “retrato falado”. Cada um dos participantes dirige uma pergunta àquele que terá escolhido previamente um personagem sem comunicá-lo aos outros. Ele responde apenas “sim” ou “não”. Ao cabo de algumas rodadas, são acumulados os traços que vão delineando o perfil do personagem até que alguém o adivinhe.

É fácil estabelecer a analogia. O personagem oculto é o pai ideal e a confiança depositada no jogador que escolheu o personagem, o Nome-do-Pai. Não podemos esquecer disso, pois é exatamente por jamais supormos que ele enlouqueceu ou que está querendo nos pregar uma peça que o jogo funciona. Essa fé cega dá suporte ao percurso em direção à vitória no reconfortante encontro com a figura oculta.

Para realçarmos essa função, basta introduzirmos uma pequena modificação: suponhamos que aconteça o que ninguém imagina – que não haja personagem escolhido, que o jogador incumbido de pensá-lo decida para gozar dos demais, responder aleatoriamente *sim* ou *não*. Verificaremos que a crença na ordem do mundo faz com que o jogo surpreendentemente continue a funcionar. O jogador que havia resolvido pregar uma peça nos amigos terá a estranha experiência de ver um personagem literalmente surgir diante dos seus olhos. Suas respostas vão conduzindo os jogadores a delimitar progressivamente um retrato e a encontrar, por eliminação, alguém. Uma vez o retrato estabelecido, será, inclusive, difícil convencê-los de que não havia nenhum personagem.

O Nome-do-Pai, como ponto fixo de orientação nos leva ao encontro do personagem oculto mesmo que não haja um pai para nos conduzir. Basta um número de rodadas suficientemente grande e que não se perca a essencial fé no jogo. Caso a

crença no Pai esteja firme em seu posto, no céu da cultura, alguma coisa sempre vai se delinear, nem que sejam as palavras de ordem que ele nos teria deixado.

Contudo, como as respostas podem ser totalmente desprovidas de lógica, até contraditórias, a mágica funcionará igualmente produzindo estranhos seres. Um exemplo radical: caso, de saída, a pergunta seja “ele é branco?” e a resposta positiva e que, em seguida, a resposta à pergunta: “ele é preto?” também seja *sim*, é possível imaginar que se chegue com indubitável certeza à conclusão: Michael Jackson!

Basta imaginar agora que os jogadores sejam seguidores de Martin Luther King e de seu sonho de integração para verificar que, a partir do ideal de convivência pacífica de raças, pode-se podem ser produzidos não apenas belos mestiços, mas também estranhos híbridos. É o que destaca a anedota do menino que derrama tinta branca em si mesmo para ficar branco. Ao vê-lo desse modo seu pai lhe dá uma surra. O mesmo faz sua mãe. Ele, então, pensa: “Agora entendi! Não faz cinco minutos que sou branco e já tenho raiva de dois pretos”. No sonho de Martin Luther King – sua Caverna ideal – convivem brancos (mesmo os radicais da Ku Klux Khan), negros, oprimidos ou não, e belos mestiços. Não cabem, porém, meninos como esse.

De modo análogo, a articulação entre o pai da realidade, pai ideal e o Nome-do-Pai, ao constituir, para cada um, as regras do necessário, proscreeve uma série de combinações bastardas. Ao longo de uma vida, cada ocorrência inadmissivelmente híbrida será deslocada para uma espécie de terra de ninguém, os confins do recalçado. Essas figuras sem lugar na versão oficial de uma existência permanecem impregnadas de um valor especial de verdade, pois são, para cada um, *links* para outras possibilidades de ser que não ganharam lugar. Terão sempre um caráter obscuro com relação ao ideal paterno em questão, tal como o menino da tinta que, oprimido, em vez de lutar ou resignar-se, troca sua alma pelo benefício de ser, mesmo que por minutos ou anos, bastardamente branco.

3. O bastardo

A figura do bastardo é o retrato falado de um *Totem sem tabu*. É um modo de delimitar o ser do avesso, costura de restos sem-sentido, esparsos disparatados sem integração, sem unidade, sem lugar no Outro. Essas versões piratas de nós não deixam de nos orientar como bússolas do desejo nos interstícios das coordenadas oficiais por serem exatamente elas que nos fazem únicos, distintos do que em nós idealizou nosso Outro.

O jogo do retrato falado modificado nos dá uma pequena idéia da operação analítica. Ela não revela apenas no Pai ideal o Nome-do-Pai, puro ponto cego. Caso fosse apenas isso, não passaria de um lento, doloroso e progressivo exercício de desidealização. Ela vai além disso ao apontar para o preço pago pela crença no ideal:

o descarte dos restos da operação paterna. Em vez de erigir um belo personagem tecido com as insígnias do ideal, uma imagem de si “analisada”, livre de suas determinações, dirige-se a um estranho ser, colagem de restos que ficaram à margem de uma história.

Esse é o objeto da psicanálise, segundo Lacan. Sem forma ou figura fixa, ganha o nome de uma letra vazia, objeto *a*, “monte de restos” (*petit tas*). É inteiramente montagem de ocasião, bricolagem daquilo que ocupou em algum momento o lugar do impossível, da inexistência do Pai. Para cada um, contudo, é único, singular e absolutamente necessário, pois insufla a vida artesanal nos contornos industriais de uma existência. Dessa forma, a experiência do inconsciente nos desvela como seres determinados e, ao mesmo tempo, delineia em nosso horizonte a liberdade do encontro com a absoluta contingência dessas determinações.

A solidez do universal edípico é refém de um ponto vazio. O pai, morto, leva consigo o segredo do seu gozo que será subtraído de cada filho (o que Freud assinala com a culpa). Este gozo que só poderá ser recuperado em experiências marginais. Nessa periferia brilha o bastardo, prova viva de que o pai não era assim tão santo, presença entre nós de um gozo que, supostamente perdido, garante ao Pai seu papel de Ideal regulador.

O bastardo sempre existiu, mas era mantido nesse lugar marginal. Ele será, como objeto *a*, retirado debaixo do tapete, identificado como a verdadeira causa do desejo, centro nevrálgico do gozo. A subversão propriamente analítica reside no fato de que o bastardo tome o lugar do rei e dite a ação, em desacordo com a estrutura da caverna edípica.

O aparecimento na cultura do objeto da psicanálise assinala, assim, o eclipse do Pai, pois onde houver esse objeto inominável, há falência do Nome. Nela, porém, o bufão chega ao trono de modo velado pelo aspecto, enganoso, de investigação e de desvelamento de uma verdade oculta da qual a invenção freudiana se reveste. O que aconteceria se o menino pintado de branco, deserddado por seu pai e exilado nas margens da experiência, não apenas se revelasse após um árduo percurso analítico, mas se exibisse em todos os televisores? Michael Jackson é, aqui, exemplar, dando tons proféticos à afirmação de Lacan, em “Radiofonia”, de 1970, da ascensão ao zênite social do objeto *a*.

Tal subida ao trono do objeto significa necessariamente o fim do regime edípico? O que acontece com nosso gozo? Para um esboço de resposta será preciso delimitar a configuração do Outro contemporâneo.

Neste sentido, em seu *Seminário de Orientação Lacaniana* de 96-97, Jacques-Alain Miller explicita, a partir de Lacan, uma tese maior sobre a contemporaneidade:

estamos em tempos nos quais a exceção deixa de funcionar como padrão geral levando a um “Outro que não existe”.ⁱⁱⁱ

Estariamos nesses tempos da dissolução do Outro em uma espécie de anomia geral? Essa afirmação apenas aparentemente indica o fim do Outro. Na verdade, o seminário trata menos do seu fim e mais da materialização contemporânea de um outro Outro, uma estranha alteridade, que seria a tônica atual das relações do sujeito com o mundo.

O Outro que não existe é o parceiro maior do homem contemporâneo. Descrito por J.-A. Miller como *nãotodo*, ele é uma forma social distinta do coletivo dos irmãos, em que a limitação pela exceção paterna é regra. Não se organiza em torno de um furo central. Por faltar-lhe a falta é essencialmente sem forma. Dizer que tudo pode ser bem de consumo, que tudo pode fazer parte do Outro, é dizer que este Outro não tem limites nos dois sentidos da expressão. Ele não tem fim e não tem forma.

As mães o conhecem bem. Elas, mesmo sabendo muito, submetiam-se, até pouco tempo, a um Outro hierarquizado e transmitiam a eficácia da falta ao consentir com um saber maior, fora de alcance. Hoje sabem pouco, mas têm como parceiro prevalente um Outro que dispõe virtualmente de todas as respostas em pequenos saberes, à distância de um clique. À primeira dificuldade com a criança convoca-se um grande número de especialistas, chega-se rapidamente a uma objetivação diagnóstica *hiperativa* e a um comprimido de ritalina.

Desse modo, com relação a uma forma coletiva do tipo Todo, há o Outro a que nada se excetua, que é não limitado – e por isso mesmo não constituído como corpo. Ele não é mítico e sim paradoxal. É o “Outro que (está aí, mas) não existe”, é o Outro *nãotodo*, o Outro da rede, virtual. É o parceiro com o qual se lida quando se navega na internet. Afinal, ao entrar em uma sala de *chat* como ter certeza que cada *nickname* corresponda a uma só pessoa? Não seria possível imaginar que vários poderiam ser o mesmo sujeito, ou ainda que um deles talvez seja vários, um grupo de amigos teclando juntos para se divertir?

O Outro desíntegro não é um Outro incompleto, um Todo ao qual, humildemente barrado, faltaria algo. Ao contrário, é um todo sem limites. Não tem, no entanto, corpo e assim, está longe de ser todo-poderoso. O Outro *nãotodo* é disforme, onipresente, sem, contudo, real poder de fogo. Corrói e gera violência, mas nunca como a de um exército organizado. Não se pode travar guerra com um Outro *nãotodo*. Ele é indestrutível, mas sem músculos.

4. O sertão

Podemos melhor situar a virada contemporânea contrapondo os *Sertões* de Euclides da Cunha ao *Sertão* de Guimarães Rosa. Nos *Sertões* o homem é produto da

terra. Graças a sua disciplina e cálculo torna-a, qual um Crusoé tropical, sua aliada. Do sertão nasce, no entanto, quase como excrescência, a contrapartida da subtração de gozo efetivada sobre o colonizador, o sertanejo. Excetuando-se à população do Império, é tolerado desde que minoria periférica e jamais como hoste, reunião de crentes, fanáticos, Canudos. Antonio Conselheiro espelha o que de pior pode produzir o sertão sertanejo. Nas palavras de Euclides da Cunha: “A sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja (...) sua constituição mórbida, levando-o a interpretar caprichosamente as condições objetivas e alterando-lhe as relações com o mundo exterior, traduz-se fundamentalmente como uma regressão ao estádio mental dos tipos ancestrais da espécie (...) essa regressão ideativa que patenteou (...) não o isolou (...) no meio que agiu. Ao contrário, este fortaleceu-o.”^{iv}

No *Sertão*, virtual, de Guimarães Rosa, estamos em outro registro. Evapora-se o sertanejo como inimigo e perturbam-se as fronteiras. “Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera o sertão vem”. Sem inimigo fixo, de certa forma, estamos sempre em guerra, pois o Sertão tanto pode ser inimigo quanto parceiro. “O sertão é confusão em grande demasiado sossego”, “Sertão não é maligno nem carinhoso, mano oh mano!: –... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.” O que fazer? “Rebulir com o sertão como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre embaixo da sela.”¹

Atente-se para que não se conceba Todo e não-todo de maneira exageradamente independente e estanque. A tese de que esse Outro desintegral, apenas meio existente, passa a dar as cartas na civilização não elimina o fato de que o específico da posição freudiana é que o não-todo não existe sem o Todo. Não há desíntegro sem o íntegro. O não-todo é impensável sem atrelamento a algum tipo de corporeidade. Sem um mínimo de forma sobre a qual assentar-se ele seria pura dispersão real, caos. É o que deixa claro J.-A. Miller quando retoma esse paradigma alguns anos mais tarde de maneira ainda mais precisa e afirma que nossos dias são marcados pela “prevalência da estrutura do não-todo sobre a estrutura do Todo”.³

Não há, então para nós, fim do Todo, tal como para um Fukuyama há o fim da história. Há uma inversão de prevalência em uma articulação entre o Todo e o não-todo que não poderia ser rompida, pois não há um sem outro. A teoria lacaniana da contemporaneidade não supõe uma ruptura com a modernidade e sim uma mudança de registro fundamentada na exacerbação de algo que já estava ali, e em uma nova aliança entre seus principais personagens. A contemporaneidade lacaniana é assim

uma altamodernidade, ou como prefere Miller aproximando-se de Lipovetsky, uma hipermodernidade.^v

O não todo não é uma formulação sociológica ou antropológica. É um modo de gozo. A questão, na generalização deste gozo desintegral, é como localizá-lo. O gozo todista é localizado, o não todo é disperso. Como localizar este/esse estranho real-tigre de nosso Sertão-Matrix se Diadorim virou *popstar* e o sertanejo “portador de necessidade especial”?

Por que não acrescentar a esta hipermodernidade o epíteto “sertaneja”? Uma análise é movida pelo objeto tendo sempre como cenário o teatro do Outro. A saída é individual e passa por um bem-dizer, um dizer de “encher sua história”. A verdadeira luta é a de cada um para se achar nesse sertão, para construir sua vereda e dizer aquilo que não há de como. Dessa forma, o real na psicanálise é deserto, tal como o de Baudrillard, mas um deserto habitado. O gozo pode ser sem corpo, mas não é sem objeto. Lacan encontra ali o objeto *a*. É ele que poderá ser delineado em uma análise. Uma análise o materializa, nada virtual, mas antes sertanejo, permitindo escorar nossas certezas de modo original, algo ao modo de um Tom Zé quando canta:

*Tou dividindo pra poder sobrar; Desperdiçando pra poder faltar
Tou iluminado pra poder cegar; Tou ficando cego pra poder guiar*

*Eu tou te explicando pra te confundir, Eu tou te confundindo pra te esclarecer,
Tou iluminado pra poder cegar, Tou ficando cego pra poder guiar...*

(ZÉ, Tom. "Tou", *Estudando o Samba*, Gel Continental, 1975).

*Este texto faz parte do curso ministrado pelo autor na Pós-graduação do Departamento de psicanálise da PUC-Rio no primeiro semestre de 2004 com o título: *Ego e lei*. (transcrita e editada por Juliana Mercês) Ele integra, além disso, passagens de artigos já publicados e conferências já ministradas. Espero que o leitor, para estabelecer o valor da leitura, possa contrapor a falta do inédito ao interesse propedêutico do conjunto. Agradeço, empenhado, a revisão cuidadosa e inteligente de Elisa Monterio e Maria Angela Maia.

** Membro da Escola Brasileira de Psicanálise – EBP e da Associação Mundial de Psicanálise – AMP.

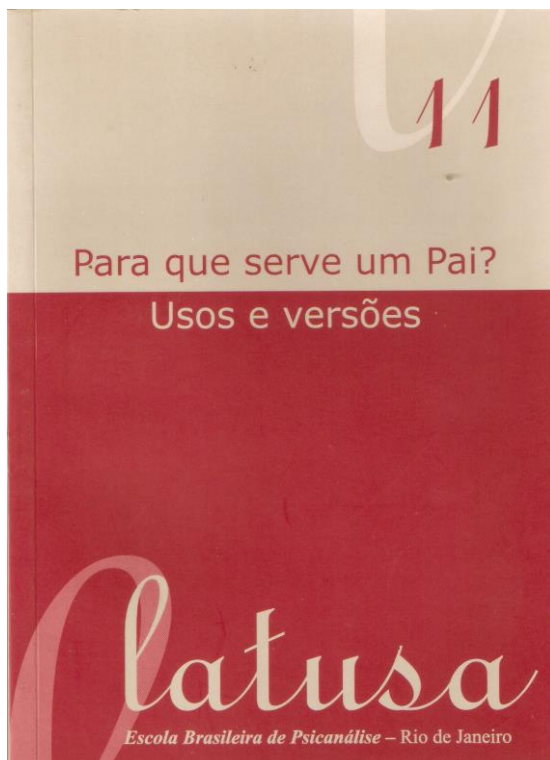
iii Miller, J. A. “O Outro que não existe e seus comitês de ética”, seminário inédito, lição de 4/12/96.

iv Da Cunha, E. *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1914, p. 101.

¹ Rosa, G. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956, pp. 289, 343, 394 e 284.

³ Miller, J. A. “Intuitions milanaises”, *Mental*, n. 12, Paris, 2002, p. 17.

^v Cf. Vieira, M. A. “A hipermodernidade lacaniana”, *Latusa* n. 9, Rio de Janeiro EBP-Rio e Contra Capa, 2004.



expediente

Editora

Elisa Monteiro

Secretária de edição

Maria Angela Maia

Conselho Editorial

Elisa Monteiro
Elza Marques Lisboa de Freitas
Lenita Bentes
Romildo do Rêgo Barros
Vera Avellar Ribeiro
Vera Lopes Besset

Comissão de publicação

Clara Huber Peed
Cláudia Henschel de Lima
Cristina Duba
Heloisa Caldas
Inês Autran Dourado Barbosa
Nelisa Araújo Guimarães
Romildo do Rêgo Barros
Sara Perola Fux

Capa

Paula Delecave

ISSN

1415-6830

Visite o site de Latusa

www.latusa.com.br

Nossos agradecimentos a

Vera Avellar Ribeiro

2006

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores

Todos os direitos reservados a:

Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

<ebprio@terra.com.br>

Rua Viúva Lacerda, 117 – Humaitá

CEP 22261-050 – Rio de Janeiro – Brasil

Tel / Fax (55 21) 2539.0960

SUMÁRIO

artigos

- 105 Retrato falado de um totem sem tabu
(ou a hipermodernidade sertaneja)
Marcus André Vieira
- 109 O pai da alma
Marcela Antelo
- 120 Dedicatórias do pai em Lacan
Sergio Laio
- 122 O psicanalista é um sinthoma
Tania Coelho dos Santos
- 123 A clínica da *pai-versão*: um adeus ao pai morto
Jesus Santiago
- 140 A escrita e o real. Uma nota de introdução
Cristina Duba
- 149 O amor e o pai
Wlma Zbrun
- 162 Do mito ao real: vicissitudes da transferência
Elza Marques Lisboa de Freitas
- 165 Pai, modernidade e toxicomania:
versão do pai e diagnóstico diferencial na toxicomania
Cláudia Henschel de Lima e Vera Aragon
- 180 Usos e versões do pai: a interpretação analítica hoje
Paula Borsoi